

Sarney

O Planalto e o poire, em pé de guerra

P 3

[1 MAR 1988]

A *enésima* substituição no Ministério do governo Sarney está passando por processo que entrou em fase decisiva. É mais que possível, é provável que o sr. Renato Archer deixe proximamente a Pasta da Previdência Social. E por quê? Demitido o presidente do Inamps, ele ofereceu prontamente ao presidente da República lista de três nomes a fim de que nela fosse recrutado o sucessor do sr. Hésio Cordeiro. O bom comportamento administrativo acolhe a prática de o chefe ter como seus subordinados funcionários nos quais confie. A verdade porém é que a atitude do ministro assumiu características de imposição: o novo titular do Inamps há de ser nomeado entre um daqueles três nomes — ou o sr. Archer se exonerará. Qualquer um, investido de autoridade e tendo a consciência exata de como lhe incumbe preservar o prestígio de seu cargo, se sentirá na obrigação de enfrentar a ameaça, buscando o melhor para a função vaga. Se o superior imediato desse melhor se julgar melindrado, caber-lhe-á sair. Não há meio termo: esta-

belecida a exigência, desafiado quem pode mais, a alternativa é uma só: dobrar-se ou largar tudo. É nessa situação que se coloca o sr. Renato Archer — por deliberação própria.

Deve ser essa uma grande defecção; e muitas lágrimas serão vertidas para demonstração pública do que ela significa para o governo: a perda de um luminar. Pois o político maranhense, em vias de *desatracar* da Previdência Social, ao ser composto o Ministério Tancredo Neves, movimentou-se para ocupar a Chancelaria. Não logrando guindar-se ao Itamaraty, aceitou a Pasta da Ciência e Tecnologia, altamente técnica, da qual só se separou para descer naquela por que é responsável agora. Vê o leitor que se trata de um homem público do qual, no mínimo, o que se pode dizer é isto: trata-se de um polivalente. No futebol, qualidades tão abundantes tornariam o sr. Archer capaz de jogar na zaga, no meio-campo ou como ponta-de-lança, salvando gols miraculosamente, armando jogadas geniais ou marcando gols fabulosos.

Por trás dessas manobras que se assemelham a fintas espetaculares, de fazer vibrar a plateia mais exigente, quando se pratica o esporte mais popular do mundo, o que existe de fato é a crise entre o Palácio do Planalto e a *turma do poire*. Chegou o momento do acerto de contas: quem não for a favor será contra e não haverá lugar para neutros ou indecisos. Archer não sairia sozinho; os ministros que tivessem interesse em prestigiar o deputado Ulysses Guimarães numa hora decisiva o acompanhariam, permanecendo apenas os peemedebistas que optassem definitivamente pelo presidente, posicionando-se contra o comando partidário, os históricos e a esquerda da legenda oficial — que, então, deixaria de ser oficial e amargaria (até quando?) os inconvenientes de expor-se às agruras do sol e do sereno.

Resta saber se o governo ganha com a forma por que se processará esse desquite. Por que o sr. José Sarney não demitiu há mais tempo esses políticos que já estão com um pé fora do Ministério? O governo se

esvazia ainda mais com essa *rabana poirista* ou lucra com o afastamento do contingente mais chegado ao deputado Guimarães? O papel de vítima abandonada lhe cai bem, no episódio, ou para ele teria sido melhor agir com firmeza e dispor da vantagem da iniciativa, dispensando os que agora se aprestam para demitir-se aparentando que o fazem própria? (Depois de três longos anos abrigados no doce aprisco do poder público.)

Para remate, assinala-se que o mal-estar que se acentua nas esferas palacianas e ministeriais constitui fator a mais da desagregação político-administrativa que começou e nada faz crer que estacione, e muito menos regrida. A crise causada pela revolução (talvez não seja mesmo uma revolta) da burocracia soma-se o abalo da ruptura entre o Planalto e o *poire*, a acentuar as cores sombrias com que se esboça uma conjuntura que é das mais pressagas que o País já viveu, agravada pelo descalabro econômico-financeiro.